

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO III – Retorno da vida corpórea à vida Espiritual

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – A Alma após a morte	O Livro dos Espíritos	03
A Alma após a morte	O Consolador	05
A Vida após a morte do corpo	O Consolador	07
II – Separação da Alma e do Corpo	O Livro dos Espíritos	09
Separação da alma e do corpo	O Consolador	11
O Livro dos Espíritos	O Consolador	13
III – Perturbação Espírita	O Livro dos Espíritos	15
Perturbação Espírita depois da morte	O Consolador	17
Tema da Vida e da morte	O Consolador	19

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
Capítulo III – Retorno da vida corpórea à vida espiritual

I – A ALMA APÓS A MORTE

149. Que sucede à alma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, isto é, volta ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente.”

150. A alma, após a morte, conserva a sua individualidade?

“Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”

a) — Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?

“Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

b) — A alma nada leva consigo deste mundo?

“Nada, a não ser a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que ela fez da vida. Quanto mais pura for, melhor compreenderá a futilidade do que deixa na Terra.”

151. Que pensar da opinião dos que dizem que após a morte a alma retorna ao todo universal?

“O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo completo? Quando estás numa assembleia, és parte integrante dela; mas, não obstante, conservas sempre a tua individualidade.”

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma depois da morte?

“Não tendes essa prova nas comunicações que recebeis?

Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois que muito amiúde uma voz vos fala, reveladora da existência de um ser que está fora de vós.”

Os que pensam que, pela morte, a alma reingressa no todo universal estão em erro, se supõem que, semelhante à gota d'água que cai no Oceano, ela perde ali a sua individualidade. Estão certos, se por todo universal entendem o conjunto dos seres incorpóreos, conjunto de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se confundissem num amálgama só teriam as qualidades do conjunto, nada as distinguiria umas das outras.

Careceriam de inteligência e de qualidades pessoais quando, ao contrário, em todas as comunicações, denotam ter consciência do seu eu e vontade própria. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a consequência mesma de constituírem individualidades diversas. Se, após a morte, só houvesse o que se chama o grande Todo, a absorver todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Desde que, porém, lá se nos deparam seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados; que lá os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e ponderados, etc., patente se faz que eles são seres distintos. A individualidade ainda mais evidente se torna, quando esses seres provam a sua identidade por indicações incontestáveis, particularidades individuais verificáveis, referentes às suas vidas terrestres. Também não pode ser posta em dúvida, quando se fazem visíveis nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como artigo de fé. O Espiritismo a torna manifesta e, de certo modo, material.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

“A vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”

a) — Não seria mais exato chamar vida eterna à dos Espíritos puros, dos que, tendo atingido a perfeição, não estão sujeitos a sofrer mais prova alguma?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

“Essa é antes a felicidade eterna. Mas isto constitui uma questão de palavras. Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

Crônicas e Artigos

26 – 12/10/2007

O Consolador – (Arthur Bernardes de Oliveira)

A Alma após a morte

I. A Alma após a morte

No terceiro capítulo, da parte segunda de **O Livro dos Espíritos**, Kardec trata da questão que mais tem preocupado os homens desde sempre: a morte. E o próprio título do capítulo, “da volta do espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual”, já deixa claro o que se deve pensar deste fato comum na vida das pessoas e que, entretanto, incompreensivelmente, é tão mal aceito pela maioria das pessoas.

O que nos cabe, então, é buscar responder a grande questão humana: O que acontece conosco depois do advento da morte?

Para os materialistas, uma única evasiva resposta: simplesmente nada. A vida para eles é um mero aglomerado de células. Desfeita a aglomeração, a vida se acaba e tudo se extingue. Tudo se apaga.

Para os espiritualistas, a resposta ganha outra direção. Extinta a vida do corpo, a alma continua existindo, sujeita a destinos variados, de acordo com a fé de cada um.

Para certos espiritualistas, ela fica em estado de inconsciência plena, sujeitas ao sono profundo, até o momento em que se dá a chamada ao julgamento e os seus resultados: condenação ao sofrimento sem fim, ou premiação, segundo a felicidade eterna. Para outros, a alma retorna à fonte de onde saiu, reintegrando-se a ela com a perda total da individualidade. A alma, nesse caso, seria tal qual uma gota d’água que, caindo sobre o oceano, nele se reintegrasse, perdendo a identidade.

Há ainda outros espiritualistas que entendem que a alma é julgada imediatamente após a morte, recebendo a destinação que a sentença lhe indicar: felicidade ou sofrimento eternos.

Nós, espíritas, temos uma maneira diferente de ver a questão. A morte, para nós, é apenas o ato de despojar-se a alma do corpo grosseiro de que se serviu durante a existência terrena, prosseguindo, em outra dimensão, uma vida mais intensa do que a que conheceu, quando de sua passagem pelo planeta Terra. Assemelha-se a alguém que se livrasse de uma roupa velha para vestir roupa nova. Para nós, a morte não mata a vida. Faz apenas com que voltemos a ter a vida que tínhamos antes de nascer e de que abrimos mão por algum tempo, para uma nova experiência no plano dos homens.

Por que pensamos assim? Porque aqueles que morreram antes de nós, voltaram para nos dizer como as coisas acontecem. O que nós sabemos, colhemos dos inúmeros depoimentos daqueles que passaram por ela e voltaram para nos ensinar. Há milhares de testemunhos, absolutamente confiáveis, que tratam dessa matéria. Tantos são os depoimentos que a aceitação de sua veracidade não está mais implicada a uma simples questão de crença, mas de conhecimento, de leitura, de estudo.

Livros há muitos sobre a matéria, mas dois deles merecem ser citados: “A crise da morte”, de Ernesto Bozzano, pesquisador italiano de fama internacional e “Raymond”, do renomado cientista inglês Sir Oliver Lodge.

O livro de Bozzano analisa depoimentos diversos para pôr em evidência a unanimidade das informações, característica básica, segundo Kardec, para avaliação segura da mensagem recebida.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

A obra de Oliver Lodge nasceu do sofrimento do pai que perdera o filho, na guerra de 1914, um piloto, cujo avião explodira no ar atingido pela força inimiga. Entendendo que deviam enterrar o corpo do filho, ele e sua mulher saíram desesperados a procurar, sem sucesso, o corpo do seu indigitado Raymond. Finalmente, advindo do mundo espiritual, o filho reaparece e, valendo-se da mediunidade de várias senhoras inglesas, dá provas incontáveis de sua identidade e estabelece interessantes diálogos com o pai, fazendo surgir mais tarde o referido livro, que é tão importante.

A literatura mediúnica, sobretudo a coleção de André Luiz, é farta em instruções sobre o tema da morte, em absoluta concordância com o que Kardec já havia assinalado nas questões 149 a 165 do livro básico da doutrina espírita. Neste percurso, o leitor encontrará as questões cujas respostas todos gostariam de saber, tais como:

Que acontece à alma no momento da morte?

Após a morte, a alma conserva a sua individualidade?

Como comprova a sua individualidade se não mais tem o corpo que a identificava?

Dói quando a alma se separa do corpo?

Como se opera essa separação?

Instantaneamente, por brusca transição, ou devagar como quase tudo na natureza?

Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

No momento da morte, costuma a alma entrever o mundo para onde vai de novo entrar?

Que sensação experimenta a alma no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos?

Quem morreu encontra-se imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

Nos casos de morte violenta e acidental, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem ao mesmo tempo?

A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

A perturbação é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

Finalmente, o conhecimento do Espiritismo ajuda?

Crônicas e Artigos

337 – 10/11/2013

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

I. A Alma após a morte

A Vida após a morte do corpo

– Em que se transforma a alma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, ou seja, retorna ao mundo dos Espíritos, que ela havia deixado temporariamente.” (Questão 149 de “O Livro dos Espíritos”- Allan Kardec.)

Incontestavelmente, a vida definitiva é a espiritual. Nossa existência corporal, na Terra, não passa de uma etapa de aprendizado. A vida na matéria, com seus ensinamentos e experiências, muito contribui para o progresso e evolução do Espírito, que ascende sempre a dias melhores e posição mais segura, ainda que, diante de tantas lutas e desafios, não tenha encontrado tais conquistas. É, sem sombra de dúvida, projeto para o porvir, que chegará para todos nós.

O que hoje já é convicção absoluta é que a morte, como o fim de tudo, realmente não existe. Somos seres eternos, e São Francisco, em sua imensa sabedoria, há muito tempo já definiu “que é morrendo que se vive para a vida eterna”: a vida espiritual, é claro.

No plano espiritual, para onde vamos num determinado instante, continuamos sendo as mesmas pessoas. A única diferença que se verifica é a ausência da matéria física que constituía o nosso corpo, pois que ela, certamente, tinha a sua utilidade apenas aqui no nosso planeta. Por lá continuamos com os nossos sonhos de paz e felicidade, trabalhando e nos esforçando para consegui-los. Quando possível, reunimo-nos com os familiares que partiram primeiro para a pátria dos desencarnados, encontramos amigos, amizades de outras encarnações, enfim, temos uma família espiritual tão querida quanto a família física.

Com o esquecimento momentâneo da vida espiritual, enquanto vivemos na Terra não nos lembramos dos afetos que deixamos na espiritualidade, mas, em lá estando, recordamos daqueles que ficaram e é muito natural que sintamos saudades deles. Sempre que possível, e estando em condições, podemos visitá-los, seguir seus passos e mesmo ajudá-los em suas lutas e tarefas enquanto permanecem por aqui.

Dessa forma, com certeza, absoluta podemos confiar que os nossos entes queridos, nossos pais, filhos, irmãos, cônjuges e amigos não morreram, apenas trocaram de endereço, apenas mudaram de residência, e, mais cedo ou mais tarde, novamente estaremos com eles. Tal assertiva, embora não afaste a saudade, nos dá mais tranquilidade e confiança nas sábias e oportunas leis de Deus que não permitem que o amor, o afeto e a afinidade entre as pessoas, com a desencarnação, possam acabar. Nada disso. Tudo prossegue, e a morte não mata ninguém, apenas promove uma breve separação.

Assim, a melhor maneira que temos para recordar os nossos amigos que moram no mundo espiritual é orar por eles, tendo a certeza de que estão vivos, que esperam por nós. Fazendo todo o bem possível em nome deles, eles recebem as nossas vibrações de carinho e ternura, e as ações benéficas que lhes endereçamos chegam aos seus corações como ramalhetes de flores que lhes encaminhamos. Ficam felizes, se alegram e se tranquilizam por nos verem firmes e confiantes na providência divina.

Não estamos impedidos de chorar por eles, mas que o façamos com resignação, dentro do contexto da saudade, mas sem revolta, inconformismo e desespero, porque isso os preocupa, uma vez que nos veem aflitos e acabam por se afligirem também.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

Com o passar do tempo e a maturidade dos povos, vamos compreendendo melhor as leis divinas e entendendo que Deus nos criou para a perfeição e não para o sofrimento. O sofrimento é ainda fruto da nossa ignorância em não seguir fielmente o código divino, mas dia chegará que a humanidade, mais preparada e afeita aos ensinamentos do Cristo, logrará encontrar a paz que deseja e a felicidade que busca. Enquanto isso, continuemos trabalhando e servindo, amando e cooperando para a definitiva implantação do reino de Deus na Terra. Não será tarefa fácil, mas imprescindível e urgente.

Reencarnar e desencarnar ou nascer e morrer são apenas etapas de um grande aprendizado. Esse aprendizado nos conduzirá à conquista dos reais valores que tornam as criaturas definitivamente perfeitas. Confiemos em Jesus.

II – SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO

154. É dolorosa a separação da alma e do corpo?

“Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio.”

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Rotos os laços que a retinham, ela se desprende.”

a) — A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.”

Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica.

A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação.

Em outros, naqueles, sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns, suicidas.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe, enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma.”

157. No momento da morte, a alma sente, alguma vez, qualquer aspiração ou êxtase que lhe faça entrever o mundo onde vai de novo entrar?

“Muitas vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. Emprega então todos os esforços para desfazê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. O exemplo da lagarta que, primeiro, anda de rastos pela terra, depois se encerra na sua crisálida em estado de morte aparente, para enfim renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos ideia da vida terrestre, do túmulo e, finalmente, da nossa nova existência?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

“Uma ideia acanhada. A imagem é boa; todavia, cumpre não seja tomada ao pé da letra, como frequentemente vos sucede.”

159. Que sensação experimenta a alma no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos?

“Depende. Se praticaste o mal, impelido pelo desejo de o praticar, no primeiro momento te sentirás envergonhado de o haveres praticado. Com a alma do justo as coisas se passam de modo bem diferente. Ela se sente como que aliviada de grande peso, pois que não teme nenhum olhar perscrutador.”

160. O Espírito se encontra imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“Sim, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes aqueles seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo dos Espíritos e o ajudam a desligar-se das faixas da matéria. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar.”

161. Em caso de morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda se não enfraqueceram em consequência da idade ou das moléstias, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?

“Geralmente assim é; mas, em todos os casos, muito breve é o instante que medeia entre uma e outra.”

162. Após a decapitação, por exemplo, conserva o homem por alguns instantes a consciência de si mesmo?

“Não raro a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica se tenha extinguido completamente. Mas, também, quase sempre a apreensão da morte lhe faz perder aquela consciência antes do momento do suplício.”

Trata-se aqui da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode conservá-la por alguns breves instantes. Ela, porém, cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente separado do corpo. Ao contrário: em todos os casos de morte violenta, quando a morte não resulta da extinção gradual das forças vitais, mais tenazes os laços que prendem o corpo ao perispírito e, portanto, mais lento o desprendimento completo.

Separação da alma e do corpo

A desencarnação não é igual para todos

1. A certeza da vida futura não exclui as apreensões do homem quanto à desencarnação. Há muitos que temem não propriamente a vida futura, mas o momento da morte. Será ele doloroso? Tentando elucidar essas questões, Kardec inquiriu os Espíritos e deles recebeu a informação de que o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte e que os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito.

2. É preciso, no entanto, que consideremos que a desencarnação não é igual para todos e que, ao contrário, há uma variação muito grande, tão grande quanto as diferentes formas de viver adotadas pelos encarnados. Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas.

3. A separação da alma é feita de forma gradual, pois o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o prendem, de forma que as condições de encarnado ou desencarnado, no momento do desenlace, se confundem e se tocam, sem que haja uma linha divisória entre as duas.

4. Alguns fatores podem influir para que o desprendimento ocorra com maior ou menor facilidade, fatores que estão relacionados com o estado moral do homem quando encarnado. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego do indivíduo à matéria, que atinge o seu ponto máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusivamente à vida de gozos materiais. Ao contrário disso, nas almas puras – que antecipadamente se identificam com a vida espiritual – o apego é quase nulo.

O desprendimento da alma jamais é brusco, mas gradual

5. Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou enfermidade, o desprendimento opera-se suavemente. Para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, ou seja, tendo o corpo ainda vida orgânica, o Espírito já começa a penetrar a vida espiritual, apenas ligado à matéria por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração.

6. No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para quem a vida espiritual nada significa, tudo contribui para estreitar os laços materiais e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, embora também se opere gradualmente, demanda, contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e outras vezes se agarra ao corpo, do qual uma força irresistível o arrebata com violência, molécula por molécula.

7. O desconhecimento da vida espiritual faz com que o Espírito se apegue à vida material, estreitando os seus horizontes e resistindo com todas as forças, conseguindo prolongar a vida e, conseqüentemente, a sua agonia, por dias, semanas ou meses. Em tais casos, a morte não implica o fim da agonia, pois a perturbação continua, e ele sentindo que vive, sem saber definir seu estado, sente e se resente da doença que pôs fim aos seus dias, permanecendo com essa impressão indefinidamente, uma vez que continua ligado à matéria por meio de pontos de contato do perispírito com o corpo.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

8. Dá-se o contrário com o homem que se espiritualizou durante a vida. Depois da morte, nem uma só reação o afeta. Seu despertar na vida espiritual é como quem desperta de um sono tranquilo, lépido, para iniciar uma nova fase de sua vida.

No suicídio, a separação da alma é bastante dolorosa

9. Nas mortes violentas, como nos acidentes, nenhuma desagregação teve início antes da separação do perispírito. Nesse caso, o desprendimento só começa depois da morte e seu término não ocorre rapidamente. O Espírito fica aturdido, não compreende o seu estado, permanecendo na ilusão de que vive materialmente por período mais ou menos longo, conforme o seu nível de espiritualização.

10. Nos casos de suicídio, a separação da alma é extremamente dolorosa. Constituindo o suicídio um atentado contra a vida, o sofrimento quase sempre permanece por período igual ao tempo em que o Espírito deveria estar encarnado. Além disso, as dores da lesão física provocada repercutem no Espírito. A decomposição do corpo e sua destruição pelos vermes são sentidas em detalhes pelo Espírito desencarnado, conquanto tal fato não constitua regra, geral. Há ademais o remorso, gerando sofrimento moral para aquele que decidiu desertar da vida.

11. O espírita sério, adverte-nos Kardec, não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina. A vida futura é para ele uma realidade que se desenrola incessantemente aos seus olhos, uma realidade que ele toca e vê a cada passo e de tal modo que a dúvida não pode ter guarida em sua alma. A existência corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual. Que lhe importam os incidentes da jornada, se compreende a causa e a utilidade das vicissitudes humanas quando suportadas com resignação?

12. A alma se eleva então em suas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, mas antes compreendendo a sua nova situação.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 154 e 155.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (Parte 1, itens 2, 8, 9 e 14.)

91. A individualidade da alma nos foi teoricamente ensinada, como um artigo de fé, mas o Espiritismo a torna patente e, de certa maneira, material.
(L.E., 152)

92. A vida do Espírito é eterna; a do corpo é passageira.
(L.E., 153)

93. A observação prova que no instante da morte o desprendimento do Espírito não se completa subitamente; ele se opera gradualmente, com lentidão variável, segundo os indivíduos. Para uns é bastante rápido. Noutros, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito mais demorado e dura às vezes alguns dias, semanas e até mesmo meses.
(L.E., 155-A)

94. A atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida corpórea, e quando a morte chega, o desprendimento é quase instantâneo.
(L.E., 155)

95. A afinidade que persiste, em alguns indivíduos, entre a alma e o corpo, é às vezes muito penosa, porque o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. É o que acontece em certos gêneros de morte, como em alguns suicídios.
(L.E., 155)

96. Na agonia, às vezes, a alma já deixou o corpo, que nada mais tem do que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo, e não obstante ainda lhe resta um sopro de vida, que se mantém enquanto o coração lhe fizer circular o sangue pelas veias, mas para isso não precisa da alma.
(L.E., 156)

97. A sensação que a alma experimenta no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos depende dos seus atos na Terra. Se fez o mal com desejo de fazê-lo, terá vergonha de o haver feito. O justo se sente aliviado de um grande peso, porque não receia nenhum olhar perquiridor.
(L.E., 159)

98. Quase sempre os amigos nos vêm receber em nossa volta ao mundo dos Espíritos e nos ajudam a libertar-nos das faixas da matéria.
(L.E., 160)

99. Em todos os casos de morte violenta, quando esta não resulta da extinção gradual das forças vitais, os liames que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes e o desprendimento completo é mais lento.
(L.E., 162)

100. A duração da perturbação que se segue à morte é variável: pode ser de algumas horas, como de muitos meses e mesmo de muitos anos.
(L.E., 165)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

101. Nas mortes violentas, como suicídio, suplício, acidente etc., o indivíduo é surpreendido, se espanta, não acredita que esteja morto e sustenta teimosamente que não morreu. Procura as pessoas de sua afeição e não entende por que não o ouvem. Essa ilusão se mantém até o completo desprendimento do Espírito e também se dá com Espíritos que tiveram outros tipos de desencarnação, sendo mais generalizada entre os que, apesar de doentes, não pensavam em morrer.

(L.E., 165)

102. Esse fato é explicável facilmente: surpreendido pela morte imprevista, o Espírito fica aturdido com a brusca mudança que nele se opera. Para ele, a morte é sinônimo de destruição. Como continua a pensar, como vê e escuta, não se considera morto, e o que aumenta a sua ilusão é o fato de se ver num corpo semelhante ao que deixou na Terra, cuja natureza etérea não teve ainda tempo de verificar. Ele o julga sólido e compacto, mas depois, quando se chama sua atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpá-lo.

(L.E., 165)

103. O homem que tem consciência da sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma consoladora esperança. O pensamento de que sua inferioridade não o deserará para sempre do bem supremo, e que ele poderá conquistá-lo com seus esforços, o ampara e reanima.

(L.E., 171)

104. Se continuasse como Espírito, em vez de reencarnar, ficar-se-ia estacionário, e o que se quer é avançar para Deus.

(L.E., 175-A)

105. Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas nunca retrogradam.

(L.E., 178-A)

III – PERTURBAÇÃO ESPÍRITA

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.”

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma.

Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente.

Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento.

Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto.

Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir.

É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades.

Ora, como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevivido inopinadamente.

Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterro como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranquilo despertar. Para aquele

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo.

Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

Perturbação Espiritual depois da morte

É variável a duração da perturbação após a morte

1. Por ocasião da morte – ensina o Espiritismo – tudo, a princípio, é confuso. A alma precisa de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesma.

Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação.

A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

2. Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte corporal. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos.

Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa ela é, porque eles compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

3. O processo de desprendimento espiritual é lento ou demorado, conforme o temperamento, o caráter moral e as aquisições espirituais de cada ser.

Não existem duas desencarnações iguais. Cada pessoa desperta ou se demora na perturbação, conforme as características próprias de sua personalidade.

4. Nesse sentido, o comportamento religioso exerce fundamental importância. Os que se fixaram às ideias niilistas, materialistas, hibernam-se, não raro, como a fugir da realidade, num bloqueio inconsciente de longo porte que os atormenta em forma de pesadelos infelizes de que não conseguem facilmente libertar-se.

Muitos assistem estarecidos à decomposição cadavérica

5. Tendo agasalhada a ideia do nada, deperecem e se exaurem em agonia superlativa, sem que se permitam alívio, nas regiões frias e temerosas a que são arrastados por natural processo de sintonia mental, quando não acompanham, estarecidos, a decomposição do próprio corpo a que se agarram, tentando restabelecer-lhe os movimentos, em luta inglória.

6. Os que cultivaram as religiões simplistas, que prometem o Céu a golpes de facilidade e oportunismo, são surpreendidos por uma realidade bem diversa com que não contavam.

7. Os que agasalharam ideias esdrúxulas, fazem-se vítimas de horrores e alucinações lamentáveis que os desnorteiam por tempo indeterminado.

8. Os suicidas, graças às atenuantes e agravantes que os selecionam automaticamente, descobrem em inditoso despertar a não existência da morte.

9. Os que se converteram em destruidores da vida alheia, experimentam as aflições que infligiram e expungem, em interminável angústia, o acordar da consciência e a sobrecarga dos crimes perpetrados.

A perturbação é o estado normal no instante da morte

10. A perturbação espiritual ocorre, portanto, na transição da vida corporal para a espiritual.

Nesse instante, a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

11. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte, e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos.

12. O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ocorre ordinariamente em momento de inconsciência. Na morte violenta, porém, as sensações não são exatamente as mesmas, porque em tais situações o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente.

O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e acredita-se vivo, prolongando-se essa ilusão até que compreenda o seu estado.

13. O estado do Espírito por ocasião da morte pode, portanto, ser resumido nas proposições que se seguem:

Será tanto maior o sofrimento quanto mais lento for o desprendimento do perispírito.

A presteza do desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito.

Para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 164 e 165.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (Parte 1, itens 6, 7, 12 e 13.)

49. Morrer faz parte do compromisso da vida – Nesse transe, para o qual todos os homens se devem preparar, através de exercícios de renúncia e desapego, torna-se imprescindível o conhecimento da vida espiritual, que estua, atraente, dando curso a quaisquer empreendimentos que, por acaso, fiquem interrompidos. O capítulo mais penoso da convalescença post mortem é desimpregnar-se das sensações mortificantes que anteriormente o escravizaram.

Acostumado a viciações e hábitos perniciosos, que se comprazia em vitalizar com atitudes físicas e mentais, vê-se o desencarnado subitamente interdito de dar-lhes prosseguimento, o que então lhe constitui tormento inenarrável, levando-o a arrojá-lo sobre os despojos em decomposição, ávido de gozo impossível, nele próprio produzindo estados umbralinos de perturbação psíquica em que passa a jazer por longo período, ou se atira, por afinidade de gostos, em intercurtos obsessivos, em que suas vítimas lhe emprestam o veículo para a nefária dependência.

A morte já não é um ponto de interrogação, como antes, graças às informações dos que lhe transpuseram a aduana e retornam para desvelar os aparentes enigmas que a vestiam com o misterioso e o sobrenatural.

JO Espírito veste-se e despe-se do corpo obedecendo ao automatismo das leis do progresso, sendo facultado aos que o desejem, pelo esforço e estudo, a aprendizagem e o uso das técnicas de renascer e desencarnar sem choques nem padecimentos, perfeitamente evitáveis.

Entendendo que a morte faz parte do compromisso da vida, o homem arma-se de valores para o momento de sua própria libertação, como da libertação dos afetos, que voltará a encontrar na grande pátria de que todos procedemos.

Com esse cuidado completa-se o quadro de auxílio aos desencarnados, por parte dos familiares e amigos que permanecerão por mais um pouco no corpo, evitando-se as emissões de ondas mentais de rebeldia e desespero, de mágoa e angústia, que são verdadeiros ácidos que ardem e requeimam naqueles desencarnados em cuja direção se arremessam tais vibrações de desconforto e insatisfação.

Morrer é desnudar-se diante da vida, é verdadeira bênção que traz o Espírito de volta ao convívio da família de onde partiu.

A experimentação mediúnicamente desenvolvida pelo Espiritismo é o mais seguro guia destinado a esclarecer o transe da morte e preparar os homens para a inevitável decorrência libertadora, que dependerá, contudo, de cada criatura.

(Processo desencarnatório, pp. 90 e 91.)

50. A perturbação após a morte depende de nossa conduta moral – Partindo-se da experiência espírita que elucida o fenômeno da morte, ressuma a filosofia comportamental que se alicerça na moral cristã, lavrada no amor a Deus e ao próximo, a expressar a vivência da caridade sob todas as modalidades e em cuja prática o Espírito evolve, progredindo sem cessar no rumo da plenitude.

Como efeito da conduta moral e das aspirações a que se vincula o Espírito, o seu estado de perturbação após a morte do corpo perdura por breve ou largo tempo, fenômeno natural quanto lógico.

Quase todos os desencarnados experimentam a turbação que sucede ao desprendimento da matéria.

A intensidade e o prazo variam conforme as condições de cada um.

As pessoas que viveram para o prazer, usufruindo sensações e gozos desenfreados, recusam-se a compreender a ocorrência liberadora, já que prosseguem fixados aos sentidos e apetites a que se vincularam, sofrendo inenarráveis angústias por não serem atendidos nos hábitos antigos, mesmo que se esforcem até quase à exaustão.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

Outros indivíduos, que eliminaram da mente qualquer possibilidade de sobrevivência ao cadáver, hibernam-se, experimentando inconcebíveis pesadelos que decorrem dos fenômenos biológicos em contínua transformação e que neles se impõem por tempo indeterminado.

Os onzenários e egoístas, os delinquentes de qualquer tipo, veem a tragédia do mau uso que os seus herdeiros ora fazem dos bens avaramente acumulados, assim como as consciências criminosas enfrentam suas vítimas, algumas das quais as perdoam, tornando-se insuportável a presença delas.

(Processo desencarnatório, pág. 92, e Perturbação no Além-Túmulo, pág. 93.)

51. O homem diligente e caridoso tem um despertar suave e rápido – Pior ainda é-lhes a sujeição que passam a sentir sob as vítimas que os descobriram no mundo espiritual e – inferiores que são – buscam vingar-se com agressividade, não lhes dando tempo a que recuperem sequer a lucidez a respeito da própria situação.

Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas, continuam imantados aos despojos putrescíveis por muito tempo.

Os suicidas são aqueles que mais penosa perturbação experimentam, como consequência da rebeldia que os alucinou, alongando-se-lhes o drama do momento final, quase que infinitamente, pela impossibilidade mental e emocional de dimensionarem o tempo.

A tranquilidade espiritual na ultratumba deve ser trabalhada adredemente, qual ocorre em qualquer realização, cujo clímax é o resultado de uma programação cuidadosa.

Encerrando a vida biológica apenas, a morte, na condição de hábil cirurgiã, interrompe somente os laços que prendem o Espírito ao corpo físico, dependendo daquele a liberação emocional deste último.

Quem jamais se preocupou com essa lei da fatalidade orgânica, sofre, com a surpresa que o assalta, as consequências do medo, das imagens fantasistas a que se acomodou e da realidade pujante da qual não se pode furtar.

O inverso igualmente se dá, facultando ao homem justo e diligente, honesto e caridoso, um suave e rápido despertar, recepcionado pelos amores que o anteciparam e o aguardam felizes.

De alguns minutos apenas ou de poucas horas é-lhe a duração do estado aflitivo, perturbador, ou passado em sono agradável, do qual desperta em festa de alegria pelos reencontros formosos. As enfermidades de longo curso, os sofrimentos e provações bem suportados propiciam ao Espírito o lento desprender-se dos condicionamentos mundanos, favorecendo o pensamento com projeções da vida triunfante, que constata com facilidade e rapidez.

Todo e qualquer hábito longamente cultivado impregna o indivíduo que se lhe submete, mesmo quando dele deseja libertar-se.

(Perturbação no Além-Túmulo, pp. 94 e 95.)

52. Para ninguém existe exceção em qualquer lugar onde se encontre – Desse modo, determinadas viciações, longamente mantidas, exigem tempo idêntico ao da fixação para que, além do corpo, se desimpregnem do Espírito.

Não há por que estranhar o fato, recordando-se que, na área da reeducação, diante de hábitos extravagantes e perniciosos, o processo é o mesmo, sempre penoso quão demorado.

No que tange, ao ser eterno, este fica tão condicionado e intoxicado que o processo de liberação impõe-se lento, forma, aliás, salutar de se evitarem danos mais graves.

Muitos religiosos, informados equivocadamente sobre a vida espiritual, experimentam, após a morte, grande choque, por não encontrarem comitê de recepção constituído pela Divindade e por anjos, tombando, quando presunçosos, em terrível mágoa, decepção ou revolta que os transtorna por longo período, deixando-os em lamentável perturbação.

Aqueles, porém, que tomaram conhecimento do que sucede após a matéria e não viveram em conformidade com essa crença, caem em depressão prolongada, assim que constatarem a sobrevivência espiritual.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo III)

Para ninguém ocorre exceção, em qualquer lugar onde se encontre. Cada Espírito, seguindo o heliotropismo divino, apressa, estaciona ou retarda a marcha, não se retendo indefinidamente, pois que o Amor é o mesmo e invariável para todos no processo evolutivo.

Em consequência, em toda e qualquer conjuntura luz a misericórdia de Deus através da presença de Nobres Mentores e afeiçoados pessoais, que cooperam com o recém-desencarnado, não interferindo, porém, pela violência, na colheita que a cada qual diz respeito, em face da sua sementeira terrena.

O conhecimento da vida espiritual e as ações edificantes, trabalhando o metal do caráter humano, são o passaporte e a passagem que facultam a viagem feliz, com uma chegada ditosa, sem embaraço ou impedimento na travessia da aduana da morte.

O homem deve sempre reservar alguns momentos diários para meditar a respeito da viagem de volta, e, conscientemente, reunir a valiosa bagagem que irá, conduzir, única de que se poderá utilizar ao transpor a fronteira do mundo físico.

A perturbação espiritual após a morte é, portanto, o resultado do comportamento de cada criatura enquanto se encontra sob as imposições orgânicas.

(Perturbação no Além-Túmulo, pp. 95 e 96.)

Bibliografia:

Miranda Manoel Philomeno de, Temas da Vida e da morte.